

**UMA EXPERIÊNCIA DE
CURRÍCULO: rastros de um
arquivo-corpo**

**AN EXPERIENCE OF CURRICULUM:
Traces of a body-archive**

**UNA EXPERIENCIA DE
CURRÍCULO: rastros de un
cuerpo-archivo**

Resumo: Neste ensaio, apresentamos uma experiência estética com base na proposta curricular de formação de professores da Universitat de Lleida, realizando uma discussão sobre o currículo e o que chamamos de arquivo-corpo. Trata-se de tomar um currículo não somente como um depósito de documentos, mas também como aquilo que nele é vivido, sentido, praticado, e que é arquivado no corpo, produzindo determinados modos de subjetivação. Para isso, aproximamo-nos das discussões curriculares de autores como Corazza e Tadeu (2003), dentre outros, da noção de arquivo de Foucault (2008) e da ideia de arquivo-corpo de Lepecki (2015) e Artières (1998). Diante da experiência de Lleida, indagamos: quais práticas curriculares arquivamos no nosso corpo? Que modos de subjetivação tais práticas curriculares produzem em nós? Por fim, acreditamos que as experiências curriculares, atravessadas por experimentações estéticas, são capazes de arquivar no corpo outros modos de existir.

Palavras-chave: Currículo. Arquivo. Formação inicial de professores. Corpo.

Recebido em: 06/05/2022

Aceito em: 30/07/2022

Publicação em: 15/12/2022

Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v15i2.63008

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

José Alberto Romana Díaz

Mestre em Ensino

Univates, Brasil.

E-mail: jose.diaz@univates.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8922-0194>

Angélica Vier Munhoz

Doutora em Educação

Universidade do Vale do Taquari, Brasil.

E-mail: jose.diaz@univates.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2644-043X>

Glòria Jové Monclús

Doutora em Ciências da Educação

Universitat de Lleida, Espanha.

E-mail: jose.diaz@univates.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6526-4176>

Como citar este artigo:

DÍAZ, José Alberto Romana; MUNHOZ, Angélica Vier; MONCLÚS, Glòria Jové. UMA EXPERIÊNCIA DE CURRÍCULO: rastros de um arquivo-corpo. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 2, p. 1-14, Ano. 2022 ISSN1983-1579. DOI: <https://10.15687/rec.v15i2.63008>

Abstract: In this essay, we present an aesthetic experiment based on the curricular proposal for teacher education carried out at the Universitat de Lleida, with a discussion about curriculum and what we have named as body-archive. The curriculum is not only taken as a document repository, but also as what is lived, felt, practiced in it, and which is archived in the body, producing certain modes of subjectivation. For this, we have approached the curricular discussions of authors such as Corazza and Tadeu (2003), among others, the notion of archive by Foucault (2008) and the idea of body-archive by Lepecki (2015) and Artières (1998). Faced with Lleida's experience, we ask the following: what curricular practices do we archive in our body? What modes of subjectivation do such curricular practices produce in us? Finally, we believe that curricular experiences, crossed by aesthetic experimentation, are able to archive other ways of existing in the body.

Keywords: Curriculum. Archive. Teacher education. Body.

Resumem: En este ensayo exponemos una experiencia estética, a partir de la propuesta curricular para la formación inicial del profesorado de la Universitat de Lleida, por medio de la cual discutimos sobre el currículum y lo que llamamos cuerpo-archivo. Desde esta perspectiva tomamos el currículum no sólo como documento que comporta una serie de lineamientos; sino, también, como estos son vividos, sentidos, practicados y archivados en el cuerpo, produciendo ciertos modos de subjetivación. De esa forma, abordamos las discusiones curriculares de autores como Corazza y Tadeu (2003), entre otros; la noción de archivo de Foucault (2008) y la idea de cuerpo-archivo de Lepecki (2015) y Artières (1998). La experiencia de Lleida nos permitió indagar: ¿cuáles prácticas curriculares archivamos en nuestro cuerpo? ¿Qué modos de subjetivación producen en nosotros tales prácticas curriculares? Finalmente, consideramos que las experiencias curriculares, permeadas por experimentaciones estéticas, son propicias para archivar en el cuerpo otros modos de existir.

Palavras Clave: Currículo. Archivo. Formación inicial de profesores. Cuerpo.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo decorre de uma aproximação entre dois grupos de pesquisa, cuja amplitude se estende para o além-mar. Trata-se, de um lado, do Grupo de Pesquisa Currículo, Espaço, Movimento (CEM), criado em 2013 junto ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Vale do Taquari – Univates/Lajeado/RS/Brasil; de outro lado, do Grupo de Pesquisa Espaço Híbrido, da Universitat de Lleida, na Catalunha, Espanha.

No que diz respeito ao Grupo CEM, seu aporte teórico-metodológico é o pensamento da Filosofia da Diferença, a partir de autores como Nietzsche, Deleuze & Guattari e Foucault. Em vários projetos institucionais já desenvolvidos, assim como em projetos financiados por agências externas, como FAPERGS e CNPq, o desafio sempre foi pensar o currículo em espaços escolares e não escolares, o currículo em meio a práticas educativas e artísticas e, mais recentemente, a aula como criação, nas suas interfaces com a docência, o ensinar e o aprender. Disso decorre a parceria com escolas e espaços de arte como campos de investigação. O Grupo CEM divide-se em três linhas de pesquisa, sendo que uma delas, na qual estamos inseridos, busca pesquisar o arquivo, a docência e a criação. Em outras palavras, parte-se da noção de arquivo, cunhada pelo pensador Michel Foucault, para pensar a docência como um modo de criação.

Surge daí a aproximação com o Grupo de Pesquisa Espaço Híbrido, da Universitat de Lleida, cujas investigações estão perspectivadas pela experiência proposta pela Facultad de Educación, Psicología y Trabajo Social (FEPTS), a qual investe em uma formação docente inicial que ocorre na intersecção entre a educação e a arte. A FEPTS, as escolas de Educação Básica e os museus/centros de arte e/ou espaços patrimoniais da cidade constituem-se em três espaços de formação de professores.

Neste ensaio, apresentamos uma experiência realizada mediante a proposta curricular da formação de professores da Universitat de Lleida, a partir de uma discussão sobre o currículo e o que chamamos de arquivo-corpo. Trata-se de tomar um currículo não somente como um depósito de documentos, lista de conteúdos, projetos, planos, diretrizes, livros didáticos, mas também como tudo aquilo que nele e/ou fora dele é vivido, sentido, praticado, e que é arquivado no corpo, produzindo

determinados modos de subjetivação.

O ensaio compreende três seções. Na primeira, busca-se compreender a noção de currículo com que estamos operando, assim como a relação do currículo com os modos de subjetivação. A segunda seção trata da questão do currículo como arquivo-corpo, tomando-se o conceito de arquivo de Michel Foucault (2008), mas também a noção de arquivo-corpo, a partir de André Lepecki (2015), e as aproximações com a ideia de arquivar a própria vida, de Philippe Artières (1998). Por fim, na terceira seção, narra-se uma experiência da Universitat de Lleida, realizada com uma turma de alunos do curso de formação inicial de professores, tomando-se o currículo como uma prática artística. A ideia aqui é dar a ver experiências curriculares na formação de professores que, atravessadas por experimentações estéticas, são capazes de arquivar outros modos de subjetivação no corpo.

2 CURRÍCULO E A PRODUÇÃO DE MODOS DE SUBJETIVAÇÃO

O currículo, no seu modo formal, consiste em uma organização hierárquica e disciplinar dos saberes do mundo, modelo que subsiste desde a Antiguidade grega, mesmo que ainda não levasse tal denominação. Como afirma Gallo (2011, p. 38), “já no período clássico grego, vemos um currículo disciplinar, com os conteúdos a serem ensinados, dispostos em áreas distintas”. Sabemos que o currículo é mais do que uma lista disciplinar de conteúdos e que não há uma definição única e universalizante do currículo, nem uma teoria legítima ou verdadeira. Contudo, ainda, em uma visão tradicionalmente aceita, “o currículo é uma organização da experiência de forma a transmitir, além do conhecimento, um conjunto bem definido de valores” (COSTA; MUNHOZ, 2014, p. 354).

As teorizações pós-estruturalistas e contemporâneas sobre currículo trouxeram tensionamentos e problematizações, o que instigou Corazza e Tadeu (2003, p.37) a afirmarem que “uma teoria do currículo deveria discutir, no mínimo, quatro questões centrais: a questão do conhecimento e da verdade, a questão dos valores, a questão do poder e a questão do sujeito e da subjetividade”. Em relação à questão do conhecimento e da verdade, os autores perguntam: “o que constitui conhecimento válido ou verdadeiro?” (CORAZZA; TADEU, 2003, p.37). Ao formular-se tal pergunta, opera-se com a noção de que há uma verdade a ser ensinada, um saber legítimo a ser transmitido. Tal pressuposto conduz às definições do que deve ser ensinado em um currículo.

Quanto à segunda questão, os autores ajudam-nos a pensar que os valores expressam uma escolha, podendo-se perguntar: “por que esse valor e não outro?” (CORAZZA; TADEU, 2003, p.45), o que também pode ser transposto para o sentido curricular: por que esse saber, e não outro? Já no que se refere à questão do poder, Corazza e Tadeu (2003, p.39), de modo nietzschiano, indagam: “de quem são esses valores, para quem e para que servem?”. Lembremos que, para Nietzsche (2008), tudo que há no mundo são forças, e toda força é intrinsecamente impulsionada por uma vontade de poder, de maneira que “as lutas maiores e menores movem-se sempre em redor da vantagem, do crescimento e expansão, do poder, em conformidade com vontade de poder, a qual é justamente a vontade de viver” (NIETZSCHE, 1998, p.263). Portanto, as imposições de sentidos, verdades, saberes, escolhas, em um currículo, são resultados de um conjunto de forças movidas por uma vontade de poder.

Por último, quanto à questão do sujeito e da subjetivação, a reflexão de Corazza e Tadeu (2003) aponta que todo currículo carrega a crença de um Eu central e que o sujeito é compreendido como unidade estável e substancial que pode ser modificada. Para essa questão, os autores interrogam: “quem nós queremos que eles e elas se tornem? O que eles e elas são?” (CORAZZA; TADEU, 2003, p.38). Nessa perspectiva, no contexto curricular, há sempre um Eu que pensa, age e aprende a partir de determinadas coordenadas – professor, políticas públicas, mercado, etc. Assim, “o currículo é, sempre e desde já, um empreendimento ético, um empreendimento político. Não há como evitá-lo” (SILVA, 2011, p. 29).

É sobre esta última questão que queremos nos debruçar para pensar o currículo – a questão do sujeito, da subjetividade e da subjetivação. Conforme Tadeu (2013, p. 27), “o currículo está centralmente envolvido naquilo que somos, naquilo que nos tornamos, naquilo que nos tornaremos. O currículo produz, o currículo nos produz”. Nesse sentido, podemos compreender que o currículo produz modos de subjetivação por meio de determinadas práticas. A questão é que essa produção de subjetividades

não é um processo neutro ou livre, não depende de uma escolha, de um sujeito da consciência, autônomo, dono de suas vontades. Trata-se, portanto, não de um sujeito individualizado, mas de produção de subjetividades modeladas. Há, assim, um descentramento da questão do sujeito para a subjetividade, pois esta última, como diz Guattari (1992, p.28), “constitui matéria-prima de toda e qualquer produção”. Sob tal perspectiva, as subjetividades são produzidas por agenciamentos coletivos, pelas mídias, pelo mercado, materializando-se no cotidiano, em nossas relações familiares, afetivas, institucionais, como afirmam Guattari & Rolnik:

A ordem capitalística produz os modos das relações humanas até em suas representações inconscientes: os modos como se trabalha, como se é ensinado, como se ama, como se trepa, como se fala, etc. Ela fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p.42).

Com efeito, quando afirmamos que o currículo produz subjetividades, estas pouco têm a ver com processos de singularização, com modos únicos de agir e pensar. Toda subjetividade implica modos de vida; contudo, esses modos são dissolvidos por processos de subjetivação. O currículo, nesse sentido, funciona como um modo de subjetivação, definindo, por sua vez, o que cada estudante deve aprender, o que se considera essencial para a sua vida, quais habilidades e competências são necessárias para que ele tenha sucesso profissional. Enfim, há todo um jogo de prescrições que determina escolhas e, também, exclusões.

Retomando as questões de Corazza e Tadeu (2003), quanto ao sujeito e à subjetividade, trata-se de definir o que desejamos que o outro se torne. Se todo currículo quer modificar alguma coisa em alguém ou modificar esse alguém, inclusive seu status social – se o sujeito “passar” por um currículo de Direito, se tornará advogado –, quem queremos que esse outro (estudante) se torne? Quem é esse sujeito que deve aprender e ser modificado?

Lembre-mos, novamente, dos modos mais tradicionais de pensar um currículo – uma organização de saberes, uma forma de ordenar e organizar o mundo. Esse sujeito curricular que estamos produzindo não está fora desse mundo ordenado. Foucault lembra-nos disso ao denunciar

o temor que as sociedades possuem em relação ao incontrollável do discurso, ao que resiste à ordenação, a tudo aquilo que possa colocá-lo em risco e, assim, abrir espaço para a proliferação de suas formas, [...] de tudo o que nele pode haver de violento, de descontínuo, de combativo, de desordem, também, e de perigoso, desse grande zumbido incessante e desordenado do discurso” (FOUCAULT, 2001, p. 50).

Queremos, então, que os estudantes se tornem sujeitos que habitam esse mundo ordenado. Por isso, criamos dispositivos para formatar, enquadrar, classificar e ajustar o corpo a uma forma prevista pela escola disciplinar. Mas também produzimos outras configurações de ordenamentos, como as formas biopolíticas e, mais tarde, neoliberais de governo, as quais não imbricam tão somente o corpo individual (FOUCAULT, 2001a), mas também práticas de regulação e de controle da população (FOUCAULT, 2008). Tais práticas ativam estratégias pedagógicas adequadas ao contexto neoliberal, as quais ultrapassam, inclusive, o perímetro escolar. Já não é mais necessário enclausurar o corpo; ao contrário, é na gestão estrita da liberdade dos protagonistas educacionais que os atuais jogos de verificação/subjetivação se dão (AQUINO, 2017). Em síntese, pensa-se o que deve ser pensado, limita-se o acaso ao previsível, controlam-se os fluxos além das instituições, determinam-se os movimentos do corpo e a sintaxe do pensamento. Nessa medida, estamos entre formas de assujeitamento e novos modos de subjetivação, tal como afirma Alfredo Veiga-Neto:

Trata-se da diferenciação entre *docilidade* e *flexibilidade*, de modo que se possa dizer: enquanto a disciplina moderna funciona para produzir *corpos dóceis* (Foucault, 1989), o controle pós-moderno funciona para produzir *corpos*

flexíveis. É fácil entender o quanto isso tem a ver com a promoção das novas formas de assujeitamento e subjetivação no mundo atual. (VEIGA-NETO, 2008, p. 141 – Grifos do autor).

Se um currículo produz modos de subjetivação, ele imprime marcas em nós, faz inscrições no nosso corpo e na relação do nosso corpo com o mundo. Poderíamos, quem sabe, dizer que as marcas de um currículo produzem um arquivo no corpo, um arquivo-corpo. Sobre essa questão, discutiremos na próxima seção.

3 CURRÍCULO E ARQUIVO-CORPO

O arquivo, para Foucault (2008), não é reflexo de uma história evolutiva e linear das ideias e das coisas, de um lugar de onde se extraem fatos, de um suporte neutro de memória, mas um conjunto de regras que precipitam, dentro de uma cultura, o aparecimento, a persistência e o apagamento de determinadas discursividades. Assim, por um lado, o arquivo está ligado a “um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si uma existência remanescente no campo de uma memória” (FOUCAULT, 2008, p. 36).

Neste texto, buscamos tratar não de um arquivo físico, como repositório de memórias, mas de um arquivo imaterial e simbólico, o qual está inexoravelmente relacionado à memória que se inscreve no corpo. Diz Foucault que

sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros; nele também os acontecimentos se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam e entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito. (FOUCAULT, 1979, p. 22).

É no corpo que arquivamos os acontecimentos, os fluxos variáveis de nossas vidas. Para Philippe Artières (1998), arquivar a própria vida é uma prática de si. Podemos arquivar fragmentos de nossas vidas em cartas, diários, fotografias, vídeos, mas, sobretudo, arquivamos nossas vidas na memória do corpo.

Mas como pensar o currículo como um arquivo-corpo? Como algo que subsiste ao já dado? Não se tratando de um arquivo inerte, depósito das memórias do mundo, é no corpo que arquivamos os acontecimentos, as memórias, as marcas de um currículo. Mas de que modo esse currículo opera em nosso corpo? Lembremos que não se trata mais, tão somente, de um corpo individual que carrega marcas singulares das técnicas de disciplinamento, mas de um corpo espécie da população, compreendida por Foucault (2004, p.44) como um “[...] sujeito político, como novo sujeito coletivo absolutamente alheio ao pensamento jurídico e político dos séculos prévios”. Esse novo sujeito político refere-se à constituição de indivíduos a partir de procedimentos e práticas biopolíticas e de governamento que tendem a fazê-los objetos e que os fixam a uma determinada identidade. Para Foucault (1999), tais práticas dirigem-se

à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. (FOUCAULT, 1999, p. 289).

Assim, um arquivo não é produzido somente por um sujeito individual, mas por tramas múltiplas que se constroem entre práticas subjetivas, culturais, sociais e políticas. Essas práticas (discursivas e não discursivas) são produzidas por enunciados correlatos, relacionados entre si e com as condições de emergência, suas possibilidades de aparecimento e restrições.

As práticas de um currículo envolvem, além de documentos – projetos, planos, diretrizes, livros didáticos –, tudo aquilo que é vivido, sentido, praticado, na escola e/ou fora dela, mas que tem relação com ela, portanto, práticas corpóreas e incorpóreas. Essas práticas curriculares produzem um arquivo-

corpo. Pergunta Artières (1998, p.13): “o que é um curriculum senão o inventário dos nossos arquivos domésticos?”.

Quando entramos para escola primária, a professora nos convida a mantermos nós mesmos os nossos arquivos. Na segunda-feira de manhã, a redação trata do fim de semana que passou. Devemos dizer o que fizemos, o que vimos. Na quinta-feira a coisa recomeça, e devemos escrever aos alunos de uma outra escola, declinar nossa identidade, dizer do que gostamos, o que detestamos, fazer o nosso autorretrato, passar na frente do espelho. (ARTIÈRES, 1998, p. 15).

Registramos, no nosso arquivo-corpo, as marcas do currículo, por vezes, disciplinares, mas também as marcas produzidas por dispositivos de subjetivação, que nos fazem pensar igual e agir da mesma forma, que nos tornam regulados, controlados, avaliados.

Ora, se é certo que o currículo arquiva, em nossas memórias – corporais e incorporais –, automatismos, engessamentos, modos homogêneos de existir, também podemos presumir que há outra dimensão desse corpo-arquivo, relativa a uma capacidade de ativar potências de reinvenção em nós. Afinal, ao modo de Foucault, o arquivo é

[...] o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo as regularidades específicas; ele [o arquivo] é o que faz com que não recuem no mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas. (FOUCAULT, 2008, p. 147).

É possível pensar, então, que um arquivo-corpo é o lugar onde, de um lado, arquivamos as memórias de um currículo, às vezes homogeneizantes, e, de outro, o lugar de onde se podem reinventar modos outros de pensar, agir, existir. Afinal, o corpo não é só uma superfície modulável; é, sobretudo, o lugar da tensão, de campo de forças, de embates, de relações de poder. É nesse sentido que o corpo “é o lugar privilegiado de arquivo” (LEPECKI, 2015, p. 46, tradução nossa), pois é lugar de inscrições e apagamentos, memórias e esquecimentos, modos de subjetivação e assujeitamentos. Disso decorre que, em cada configuração espaço-temporal, “o corpo pode arquivar e, simultaneamente, pôr em movimento determinados gestos, atualizando-os, traduzindo-os, animando-os – o corpo, em suma, como arquivo e arquivista de gestos instauradores da existência” (MUNHOZ; AQUINO, 2020, p. 45).

Dessa forma, mesmo em um contexto no qual o currículo produz modos de subjetivação homogeneizantes, cujas memórias marcam nosso corpo de modo identitário, é possível singularizar, ativando determinadas práticas e tornando-as novas experimentações. Isso porque os modos de subjetivação são historicamente constituídos, podendo desfazer-se à medida que novas práticas de subjetivação são engendradas. Afinal, como nos ensina Guattari (1992), nada está dado; a subjetividade só pode ser pensada sob o ângulo de sua constante produção “no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes”. (GUATTARI, 1992, p. 14).

Posto isso, pergunta-se: quais práticas curriculares arquivamos em nosso corpo? Que modos de subjetivação tais práticas curriculares produzem em nós? Instigam-nos a pensar, aprender e viver de outras maneiras? Como resistir às disciplinizações e formas de controle de um currículo, produzindo novas experimentações? Novamente, é Artières que nos ajuda a pensar:

a constituição pelo indivíduo de arquivos pessoais, longe de restringir e de circunscrever, é formidavelmente produtiva. Enquanto alguns poderiam crer

que essa prática participa de um processo de sujeição, ela provoca na realidade um processo notável de subjetivação. [...] Em suma, um dispositivo de resistência. (ARTIÈRES, 1998, p. 32).

Por apostarmos que é possível criar práticas curriculares outras, nas quais o que interessa não são as prescrições, os dogmas, os modos homogeneizantes de pensar e agir, mas as experimentações, as possibilidades de criação e modos outros de subjetivação, na seção abaixo, apresentamos algumas experiências, propostas pela disciplina Processos e Contextos Educativos, do curso de Formação de Professores da Facultad de Educación, Psicología y Trabajo Social (FEPTS) da Universitat de Lleida.

4 AS EXPERIÊNCIAS DE LLEIDA: O CURRÍCULO COMO ARQUIVO

A proposta curricular do curso de Formação de Professores da Facultad de Educación, Psicología y Trabajo Social (FEPTS) da Universitat de Lleida é conhecida como Zona Baixa. Criada em 2009, funciona como um laboratório de experimentação. O propósito de tal proposta consiste: a) na experimentação como possibilidade de irrupção da educação; b) na arte contemporânea como habitabilidade pedagógica. Essas premissas implicam pensar a formação fora dos lugares seguros, da linearidade existente no exercício docente, provocando a experimentação de/em outros lugares, materiais, sentidos (JOVÉ MONCLÚS, 2017). Para as pesquisadoras da Universitat de Lleida envolvidas na respectiva proposta, a arte funciona “[...] como mediadora da aprendizagem na formação de professores e, especificamente, a arte contemporânea, como instrumento de formação e construção do conhecimento” (JOVÉ MONCLÚS; FARRERO OLIVA; SELFA i SASTRES, 2017, p. 2).

O objetivo da proposta de Lleida é fazer com que os futuros professores sejam capazes de “[...] especificar diferentes formas de ensino e aprendizagem. Para isso, é necessário que [os futuros professores] estejam dispostos a analisar e transformar seus modos de vida” (JOVÉ MONCLÚS; FARRERO OLIVA; SELFA i SASTRES, 2017, p. 3). Trata-se, portanto, de uma proposta em que a arte é considerada no cotidiano do espaço escolar, no cotidiano das pessoas que transitam na universidade. Dessa maneira, geram-se *art encounters* com distintas obras de arte contemporânea durante todo o curso acadêmico, compreendidos como “situações que desafiam nossas noções preconcebidas de como o mundo funciona” (JOVÉ MONCLÚS; FARRERO OLIVA; SELFA i SASTRES, 2017, p. 3). A arte, na proposta do Zona Baixa, é, pois, tanto uma estratégia quanto uma experiência, totalmente articulada com os encontros estabelecidos com as obras, os artistas, os contextos.

Neste texto, apresentamos, ainda que brevemente, uma prática curricular realizada na disciplina Processos e Contextos, cujo objetivo é tomar o próprio currículo como arquivo. Busca-se abordar e trabalhar o currículo para relê-lo e reescrevê-lo, de forma a propiciar a criação de contextos de aprendizagem que ampliem o leque das possibilidades curriculares.

A proposta dá-se sob a perspectiva de que, em muitos contextos escolares, o currículo é concebido pelos profissionais da educação como um documento normativo que responde aos requisitos prescritos pelo próprio sistema educacional. Sendo assim, o currículo torna-se uma justificativa para muitas das ações realizadas nas instituições educativas, ao mesmo tempo em que passa a justificar muitas das relutâncias surgidas nos espaços educativos em face da inovação, mudança e transformação. “Temos que seguir os lineamentos curriculares”, dizem os professores com frequência. Mas o que o currículo significa para eles? Será que percebem o quanto o currículo nos subjetiva? O quanto arquivamos as memórias de um currículo?

Para os estudantes, também o currículo escolar é apenas um documento oficial onde estão incluídos competências, conteúdos, disciplinas, objetivos utilizados na organização de uma aula. Na maioria das vezes, os estudantes fazem parte de um exercício que ousamos nomear como “Cópia e Cola”.

Diante dessas discussões sobre o currículo, realizadas com a respectiva turma de estudantes de Lleida, propuseram-se diferentes intervenções artísticas, a partir do encontro com algumas obras e artistas, as quais serão descritas abaixo.

4.1 Intervenção I

Na primeira intervenção, o currículo foi tomado como uma matéria de estudos que deve ser conhecida, compreendida, analisada e avaliada a partir de um processo problematizador e criador. A intervenção no currículo inicia-se, então, com a parceria do artista Valeriano López, com a obra "Programación didáctica: elementos ridicu(lo)lares" (2013).

Figura 1 - Programación didáctica: elementos ridicu(lo)lares

Legislación	Ora pro nobis
Justificación	Ora pro nobis
Contextualización	Ora pro nobis
Objetivos Generales	Ora pro nobis
Capacidades Terminales	Ora pro nobis
Contenidos Conceptuales	Ora pro nobis
Contenidos Procedimentales	Ora pro nobis
Contenidos Actitudinales	Ora pro nobis
Contenidos Transversales	Ora pro nobis
Inter / Intradisciplinariedad	Ora pro nobis
Temporalización	Ora pro nobis
Metodología	Ora pro nobis
Actividades Iniciales	Ora pro nobis
Actividades Motivadoras	Ora pro nobis
Actividades Diagnósticas	Ora pro nobis
Actividades de Desarrollo	Ora pro nobis
Actividades de Recuperación	Ora pro nobis
Actividades de Refuerzo	Ora pro nobis
Actividades de Ampliación	Ora pro nobis
Actividades Complementarias	Ora pro nobis
Actividades Extraescolares	Ora pro nobis
Recursos Didácticos	Ora pro nobis
Criterios de Evaluación	Ora pro nobis
Sistema de Calificación	Ora pro nobis
Medidas de Atención a la Diversidad	Ora pro nobis
Apoyo y Tutorización	Ora pro nobis

Fonte: Valeriano López, 2013¹.

Vários dos projetos artísticos de Valeriano López abordam, sob diferentes pontos de vista, o campo educacional, mas talvez seja a Exposição "Secuela Pública", que contém a obra acima citada, a que alerta de forma mais direta e incisiva sobre os problemas que o sistema escolar enfrenta no seu cotidiano. A obra "Programación didáctica" questiona os modos de dominação global e neoliberal nas instituições escolares e as dificuldades para trabalhar em prol de uma autonomia social. O trabalho do artista aponta a programação didática como o santuário da prática educativa. Destaca, assim, "Elementos Ridicu(lo)lares", referindo-se aos mecanismos impossíveis que o sistema produz para os professores se salvarem, ou seja, os sistemas de vigilância em meio aos quais só se pode pedir

¹ <https://valerianolopez.es/secuela-publica-2/>

intercessão: *Ora pro nobis*.

Compreende-se que o projeto do artista estende um convite aos alunos de Lleida, com o propósito de criar e experimentar diferentes formas de interagir com o currículo. A partir de tal intervenção, foi possível mostrar como movimentar o currículo, tornando-o nosso, e como os conteúdos, as atividades, a avaliação, os objetivos, podem produzir outros sentidos nos contextos em que a criação está envolvida.

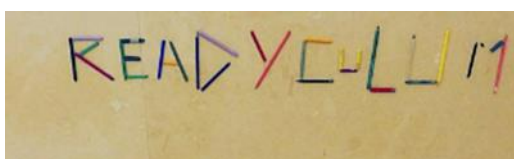
4.2 Intervenção II

Uma segunda proposta consistiu na retomada de um trabalho realizado pelo artista Isidoro Valcárcel², a partir de sua obra "Constitución" (1812). Em 2011, o artista distribuiu a diferentes pessoas um artigo com um trecho da Constituição espanhola. A instrução é que deveriam copiar fielmente o trecho da Constituição que o artista lhes havia dado, propondo liberdade para refazê-lo no formato, tipografia, tamanho da fonte e outros elementos presentes. Todas as produções realizadas foram expostas no MACBA³, em espaços de trânsito do Museu. Pretendia-se que os cidadãos conhecessem e tornassem seus os artigos da Carta Magna e que o texto, em vez de sair do Diário Oficial do Estado, da Gazeta, saísse das mãos dos cidadãos.

A partir dessa proposta, o convite que se fez aos estudantes era o de copiar fielmente os conteúdos e/ou competências curriculares que surgiram no contexto de seus processos de aprendizagem, propondo liberdade em termos de formato, tipografia e elementos que surgiam. Pretendia-se que os alunos conhecessem e tornassem seu o currículo escolar, vivenciando-o, humanizando-o, flexibilizando-o, recriando-o, repensando-o, contextualizando-o.

O título da intervenção brincava com a pronúncia e o trocadilho entre os idiomas, bem como com os seus significados – "Ridicu(lo)lares" – "READYCULUM". Tratava-se, assim, de operar com as obras dos dois artistas estudados – Valeriano López e Isidoro Valcárcel. A proposta visava a compreender a cópia como um processo que permite expansão e transformação: "você tem que saber fazer a cópia do currículo bem, para não fazer ridículo, de tal maneira que os atos rotineiros e repetitivos sejam também atos criativos". Os estudantes criaram diferentes intervenções com o currículo, como se pode observar nas imagens abaixo.

Figura 2. Readyculum



Fonte: Intervenção conjunta de estudantes⁴ na Zona Baixa, 2015-2016.

Figura 3. Readyculum

² Intervenção do artista: <https://youtu.be/msgZ69bb4ko>

³ Museu de Arte Contemporânea de Barcelona, Catalunha, Espanha.

⁴ Do Curso Primária, setembro/ 2015- fevereiro/2016.



Fonte: Intervenção conjunta de estudantes⁵ na Zona Baixa, 2015-2016.

A interação dos estudantes com as obras dos artistas estudados possibilitou o processo de apropriação e reapropriação dos conteúdos curriculares, transformando o currículo em matérias artísticas, como pode ser visto na Figura 3.

4.3 Intervenção III

Na mesma linha de raciocínio, o "Tractac" do currículo (Figura 4), traz à baila os acordos formais, escritos ou verbais, que demonstram a didática e, mais detalhadamente, um ou vários assuntos que foram tomados como tópicos de discussões e alvos de análises.

Figura 4. Tractat del curriculum



Fonte: Intervenção de estudantes⁶ na Zona Baixa, 2015-2016.

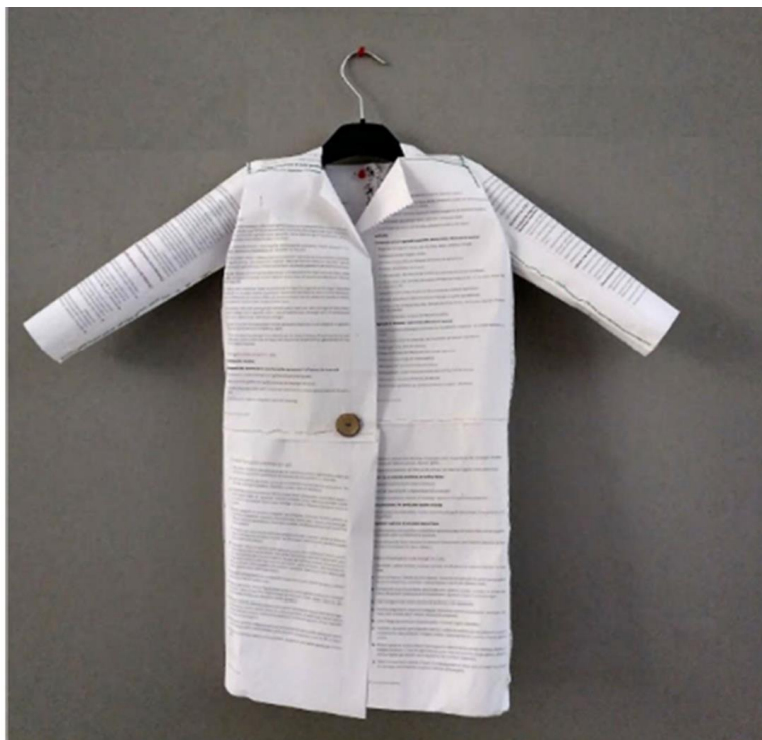
4.4 Intervenção IV

A Figura 5, abaixo, refere-se à criação metafórica de um jaleco feito com páginas de um currículo. O jaleco é ainda usado por muitos professores em contexto escolar na Espanha. Trata-se de uma vestimenta que engessa os professores, aquela dupla pele do corpo que se tece durante a escolarização e que impede que novas perspectivas e possibilidades diferentes possam surgir. Para a estudante Marina, autora da obra, o currículo também engessa e não nos permite chegar aonde poderíamos.

⁵ Do Curso Primaria, setembro/ 2015- fevereiro/2016.

⁶Do Curso Primaria, setembro/ 2015- fevereiro/2016.

Figura 5. La bata del currículum



Fonte: Marina Diez, 2019.

4.5 Intervenção V

Esse engessamento, que ganha força à medida que progredimos na escolaridade, também é representado pela intervenção que a estudante Cíntia faz (Figura 6). Ela cortou a primeira página do currículo em várias partes e as distribuiu a crianças de diferentes idades para montarem o quebra-cabeça com as peças que tinham. A obra de Cíntia busca questionar: em que medida, ao avançarmos na escolarização, limitamos as experimentações curriculares?

Figura 6. De-construyeme



Fonte: Cíntia Valentín Vivanco, 2020.

4.6 Intervenção VI

O que arquivamos em um currículo? A intervenção que segue abaixo foi levada a cabo por um grupo de estudantes – futuras professoras. A proposta da Figura 7 convida-nos a ver que o currículo é feito de fragmentos, de partes, de visibilidades e não visibilidades, de ditos e não ditos; mostra, não mostra; diz, não diz; reflete, não reflete.

Figura 7. Que ens amaga el currículum



Fonte: Sònia Carnicé, Èlia Griñó, Júlia Masons, Ona Sánchez i Violant Solé, 2019.

Para finalizar esta seção, poderíamos nos perguntar: o que essas experimentações são capazes de provocar no arquivo-corpo daqueles estudantes que por elas passaram? É pouco provável que saibamos responder, já que se trata muito mais de uma experiência, como aquilo que passa pelo corpo (LARROSA, 2002), do que de um saber. Talvez até mesmo as estudantes que passaram pela experiência não saibam responder com precisão, pois é possível que seus aprendizados em relação à formação docente sejam mais das percepções, das sensações, do que das cognições. Até mesmo porque se trata de experimentações estéticas, que, por sua própria natureza, dizem respeito ao sentir e atribuir sentidos ao mundo. Citamos Loponte quando afirma:

É justamente a docência e sua formação ampliada ou expandida, com base em novos processos de pensamento instaurados pelas poéticas artísticas contemporâneas, o foco das discussões sobre formação estética aqui em jogo: De que modo a docência (e os processos de formação inicial e continuada) pode ser concebida como um “campo expandido”, capaz de alimentar-se de provocações oriundas das artes, em especial das artes visuais contemporâneas? (LOPONTE, 2017, p. 24).

O que arquivamos no corpo não são necessariamente saberes, crenças, verdades, mas memórias invisíveis (ROLNIK, 1993), capazes de produzir outros modos de subjetivação. Essa memória invisível é, portanto, onde se produzem os devires, os modos de existência singulares. São gestos menores, marcas vividas no corpo, no encontro com outros corpos, arrancando-nos do lugar identitário – neste caso, do lugar identitário desses que se tornarão professores.

Compreendemos, então, que o que aprendemos em um currículo vai muito além do que está em uma grade curricular. É nesse sentido também que defendemos que um currículo é muito mais do que uma seleção de conteúdos, uma organização de matérias, uma sequência de práticas educativas. Um currículo, por meio de suas práticas, saberes, discursividades, produz modos de subjetivação. E isso é potencializado quando, em meio à formação de professores, se habita esse “entre-espço” de arte e educação, produzindo-se “experiências, através das quais o corpo é experimentado como espaço de intervenção, em determinado espaço ou lugar, contexto, obra ou artista” (DIAZ; MUNHOZ, 2018, p. 94). Assim, uma vez mais, apostamos que as experiências curriculares, atravessadas por experimentações estéticas, são capazes de arquivar no corpo outros modos de existir.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomemos algumas indagações do presente texto: quais práticas curriculares arquivamos em nosso corpo? Que modos de subjetivação tais práticas curriculares produzem em nós? É possível criar práticas curriculares na formação de professores que, atravessadas por experimentações estéticas, são capazes de arquivar modos outros de subjetivação no corpo?

Além de um arsenal de documentos prescritivos, constituído por planos macropolíticos a serviço de uma ciência estatal, o currículo é tudo aquilo que nos atravessa, nos constitui; tudo que arquivamos no corpo – as marcas, os sentidos, as experiências, os saberes, as posturas, os gestos, as regulações, as maneiras de pensar e agir, as memórias invisíveis. Ora, mas se é certo que o currículo faz inscrições no corpo, incitando-nos a reproduzir determinados modos de agir e pensar, é certo também que há outra dimensão curricular, capaz de fazer-nos ativar e experimentar outros movimentos e inscrições. Como diz Lepecki (2015), há um movimento de arquivar (no corpo) que não passa pela reprodução do que o corpo engendrou no passado, mas por sua ativação para reinventar o presente. Dito de outro modo, o currículo corporifica-se em nós, seja por meio de suas formas disciplinarizadoras e/ou regulatórias, seja pela possibilidade de produzir modos outros de subjetivação.

Daí que a proposta da formação inicial de professores do Projeto Zona Baixa da Universitat de Lleida pode constituir-se como uma possibilidade de novas e complexas formas de experimentar o currículo, sob uma perspectiva autoral e inventiva. Quiçá experiências curriculares, tal como essa de Lleida, permitam produzir novos arquivos nos corpos dos futuros docentes.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Julio Groppa. Diálogos em *delay*: especulações em torno de uma temporalidade outra do encontro pedagógico. **Educação e Pesquisa**, 2017, 43(2):311-326.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**. Trad. Dora Rocha. São Paulo: UNESP, 1998, n. 21. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/cultgen/arquivar_a_propria_vida.pdf. Acesso em: 08 jul. 2019.
- CORAZZA, Sandra Mara.; TADEU, Tomaz. **Composições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- COSTA, Cristiano Bedin da; MUNHOZ, Angélica Vier Munhoz. Genealogia e imoralidade: o currículo entre experimentações nômades e estratificações sedentárias. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 347-361, jul./dez. 2014.
- DÍAZ, José Alberto Romana; MUNHOZ, Angélica Vier. Mediação e práticas de tradução-transcrição em museus. **Crítica Educativa** (Sorocaba/SP), v. 4, n. 1, p. 87-96, jan./jun.2018.
- FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In: FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 15 -37.
- FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**: Curso no Collège de France (1975/1976). Tradução Maria Ermantina Galvão, São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Tradução Raquel Ramallete. 23.ed. Petrópolis, Vozes, 2001a.
- FOUCAULT, Michel. **Sécurité, territoire, population**. Paris: Gallimard, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- GALLO, Silvio. A orquídea e a vespa: transversalidade e currículo rizomático. In: PEREIRA, Maria Zuleide; GONSALVES, Elisa Pereira.; CARVALHO, Maria Eulina. **Currículo e contemporaneidade: questões emergentes**. São Paulo: Alínea, 2011, p. 37 -50.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix.; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

JOVÉ MONCLÚS, Glória; FERRERO OLIVA, Mireia; SELFA SASTRE, Moisés. A la derriba: una propuesta de enseñanza y aprendizaje a través del arte contemporáneo. *ASRI: Arte y sociedad, Revista de investigación*, Málaga, España, n. 12, 2017, p. 1-18 Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6401758>>. Acesso em: 08 jul. 2019.

JOVÉ MONCLÚS, Glória. **Maestras contemporáneas**. Lleida: Edicions de la Universitat de Lleida, 2017

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n.19, 2002, p. 20-28.

LEPECKI, André. Le corps comme archive. Volonté de réinterpréter et survivances de la danse. In: BÉNICHOU, A. (éd). **Recréer/scripter: mémoires et transmissions des oeuvres performatives et chorégraphiques contemporaines**. Le presses du réel, Dijon, 2015. p. 33-70.

LOPONTE, Luciana Grupelli. Tudo isso que chamamos de formação estética: ressonâncias para a docência **Revista Brasileira de Educação**. v. 22 n. 69 abr.-jun. 2017, p. 429 – 452.

MUNHOZ, Angélica Vier; AQUINO, Julio Groppa. Entre o corpo e o arquivo: aproximações à ideia de gesto docente. **Educação e Cultura Contemporânea**, v. 17, 2020, p. 40-58.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. Trad. Marcos Sinésio P. Fernandes e Francisco José D. de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético/estético/política no trabalho acadêmico. **Cadernos de Subjetividades**. São Paulo, v. 1, n.2, 1993, p. 241 – 252.

SILVA. Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Crise da modernidade e inovações curriculares: da disciplina para o controle. **Sísifo Revista de Ciências da Educação**, n.7, set./dez, 2008, p. 141 -149.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).